

O que os corpos (dizem que) podem

Eduardo Galak¹

Antonio Donato²

Leonardo Tonelli³

I

Para desenhar a trajetória que possibilitou a realização deste dossiê é necessário repensar o caminho transitado, caracterizado em todas suas diferentes etapas pela necessidade de explorar as conexões entre saberes e práticas, para pensar o corpo e o movimento de forma crítica e emancipadora. A construção deste trabalho coletivo é de fato o resultado de um encontro, ou melhor, de um conjunto de encontros que deram vida a uma rede bem maior do que a soma de suas partes. Formada para a organização e a realização do Seminário Internacional “*Cosa può un corpo? Saperi e pratiche*” promovido pela associação *Leib*⁴ na cidade de Bolonha (Itália), em fevereiro de 2018, esta rede conseguiu conectar diferentes percursos e enfoques sobre os temas da corporalidade e das práticas corporais, unidos pelo objetivo comum de resgatar o corpo do determinismo biológico (mas também do determinismo cultural) e do reducionismo da ciência clássica para libertar sua “potência limitada” (GALAK, 2010) enquanto lugar de subjetividade e como ponto de partida de toda transformação social. As falas propos-

1 CONICET/ Universidad Nacional de La Plata, Argentina

2 Università degli Studi di Padova, Italia

3 Associação Leib, Italia

4 A associação “Leib - il corpo che resiste” nasceu em Bolonha em 2015, tendo como principal propósito o de apoiar ações e reflexões a partir do corpo dentro das instituições e dos processos sociais. Além do trabalho com pesquisas, formações e projetos de promoção social no território, este coletivo interessou-se desde o início a cooperação internacional, tecendo relações com diferentes parceiros e colaboradores, tanto na Europa como na América Latina. O termo *leib* para a filosofia fenomenológica é o corpo vivido, que se contrapõe a *körper*, o organismo, um objeto entre os outros.

tas pelos palestrantes do seminário contribuem para fornecer vários planos de análise teórico-práticas sobre o tema, apresentaram a base para uma discussão sobre a centralidade do corpo e o seu relacionamento com a subjetividade, que resultou na necessidade coletiva de recolher essas contribuições e organizá-las em uma publicação. Ao longo do processo de construção deste dossiê intitulado “O que pode um corpo: perspectivas sobre a corporalidade na transmissão de práticas e saberes”, a rede foi fortalecida com a participação de diferentes autores e parceiros, que conseguiram enriquecer ainda mais a discussão e aumentar a ressonância deste trabalho.

O corpo, eterno “excluído” da pedagogia moderna em favor de um trabalho implícito, maciço e meticuloso sobre ele, está atualmente no centro do discurso ético-político. Partindo da dupla ligação entre conhecimento e poder, destacada pela genealogia foucaultiana que examina a descoberta moderna do corpo como objeto de conhecimento e alvo de poder (1992), podemos ver como até mesmo a pedagogia, assumindo os processos de subjetivação, acaba por ser uma verdadeira “ortopedia social” (Mariani, 2000; Kirk, 1998). Capaz de normalizar e normatizar as atitudes e comportamentos com a intenção de criar um corpo dócil, útil e produtivo, e, ao mesmo tempo, de constituir campos epistemológicos, ou seja, sistemas das “condições de possibilidade”. O teste decisivo desta reflexão, ou melhor, as linhas de luz, para citar Deleuze (1989), é representado por aquele campo de estudos que se constituiu na pedagogia moderna com a incorporação do processo de escolarização dos corpos e assumiu o comando na criação de um campo epistêmico forte das dicotomias natureza/cultura, objeto/sujeito e corpo/mente. Lembrando que – para citar o pedagogo italiano Riccardo Massa (1986) – o dispositivo pedagógico centra-se sempre no corpo mesmo quando parece ignorá-lo. Partindo do questionamento de Spinoza e das leituras do Nietzsche e Deleuze acerca de “o que pode um corpo?” (2007), este dossiê tem o objetivo de identificar possíveis *dobras* dos dispositivos políticos e pedagógicos (mas também outros dispositivos próximos do médico e da saúde) capazes de escapar do quadro normativo constituído e produzir uma ruptura epistêmica, na direção de resinificar processos de subjetivação, partindo exatamente do eterno excluído: o corpo.

II

Na primeira contribuição Gianluca De Fazio e Paulo Lévano exploram em “*Praktognosia. Ecosophical remarks on having a body*” a pergunta “o que um corpo pode fazer?”, para avançar especificamente nas noções de *praktognosia* e normatividade biológica e tentar, como afirmam os autores, “libertar o corpo das cadeias do imaginário conceitual”. O qual é provocado pela distinção natureza/cultura, que como um dos seus efeitos o dualismo mente/corpo, geralmente submetendo o segundo ao primeiro. Os autores partem de uma perspectiva ecosófica para refletir não sobre as significações sociais do corpo, mas também as potencialidades das ações corporais.

Em um caminho teórico semelhante, Eduardo Galak esboça em “*Por una epistemología de la imagen-movimiento del cuerpo. Homogeneización, universalización, estética y política de lo corporal*” uma crítica tanto à naturalização do corpo como ao que denomina como “giro culturalista do corpo”, que, fugindo daquela interpretação do corpo como natureza, acaba por universalizar sua cultura. Nessa direção propõe refletir acerca



dos *pontos de fuga* que o cinema documentário habilita a partir da inquietante pergunta acerca do que *não é* um corpo, como potencialidade limitada para pensar *o que podem os corpos*.

Na terceira contribuição, “*A resistência do corpo*” de Antonio Donato e Leonardo Tonelli propõem-se um conjunto de reflexões críticas sobre a Educação Física enquanto disciplina, através uma leitura das formas com as quais esta age sobre os corpos conforme aos projetos políticos e socioeconômicos que a sustentam. Ao mesmo tempo os autores tentam repensá-la como campo de resistência aos dispositivos normalizadores, a partir do paradigma antropológico da incorporação.

Por sua vez, Simone Fullagar aprofunda o debate com a contribuição da perspectiva anglo-saxônica, com o trabalho “*A Physical Cultural Studies perspective on physical (in) activity and health inequalities: The biopolitics of body practices and embodied movement*”. Neste escrito integra-se o discurso da Educação Física nos denominados *Cultural Studies* feito a partir do campo temático dos *Physical Cultural Studies*, que desenvolve uma abordagem sociocultural para compreender a atividade física como “uma forma de prática corporal e de movimento encarnado e profundamente biopolítico”.

Em continuidade com estas considerações desenvolve-se o trabalho da pedagoga italiana Mirca Benetton, “*La formazione dell’identità corporea femminile nelle pratiche sportivo-motorie oggi: per una parità di genere*”, que analisa desde uma perspectiva cultural as influências das atividades motoras sobre a construção da formação das identidades corporais dos sujeitos, observando particularmente as especificidades das mulheres. Uma problematização que precisa ser lida com relação ao agir pedagógico, voltado a interpelar as condições com as quais as práticas do corpo (neste caso as desportivas) podem definir-se educativas-formativas, na ordem de um processo de emancipação e de livre e original expressão.

Pode-se reencontrar uma pista deste mesmo processo na contribuição de Alessandro Bortolotti e Martina Delprete, “*Fare esperienza del corpo proprio in quanto Leib con la Contact Improvisation Dance*” que analisam a prática de dança contemporânea *Contact Improvisation*, explorada como “dispositivo formativo adequado para expressar o corpo enquanto *Leib*”, enquanto “elemento vivo e pulsante” que se contrapõe ao corpo-cadáver da ciência des-subjetivante. No seu estudo os autores se posicionam para “dar voz para esta prática enquanto modalidade de experiência capaz de contribuir a redefinição de uma pedagogia contemporânea do corpo e do movimento”. A análise desta prática é enriquecida pela introdução teórica sobre o elemento de ruptura epistemológica fornecido pela semio-motricidade elaborada por Pierre Parlebas, com a qual se tenta superar as divisões dicotômicas corpo/mente e teoria/prática e ao mesmo tempo mostrar como o conhecimento pode permanecer incorporado. Como pode-se observar em diálogo com os demais artigos deste dossiê, frente a uma crítica semelhante as dicotomias que governam o corpo, neste caso os autores apresentam uma saída desde uma outra perspectiva psicomotricista fenomenológica.

O trabalho de Alessandra Xavier Bueno, Alcindo Antônio Ferla e Giliane Dessbesell, “*Práticas corporais na saúde: por uma pedagogia da diferença na aprendizagem da saúde e da vida*”, oferece uma reflexão sobre os “efeitos pedagógicos para a afirmação do corpo como superfície na qual se inscreve a identidade contemporânea e parte dos padrões



de saúde e performance física considerada normal”. Através das bases epistêmicas de produções selecionadas do campo da Saúde Coletiva e das Ciências Sociais, os autores constroem seu ensaio com o objetivo de problematizar práticas vigentes e apontar a importância de uma saúde integral mediante uma pedagogia nômade e plural que possa reconhecer as particularidades dos corpos e, ao mesmo tempo, compor lógicas de cuidado de si.

Enfim com o texto “*Corpo, consumo e bioidentidades: Trajetória de pesquisa e perspectivas analíticas na formação do indivíduo saudável*”, Ivan Marcelo Gomes critica a temática do *culto ao corpo saudável*, explorando a generalização discursiva que se produz especialmente no campo da Educação Física, de que existe uma felicidade *universal*, um viver bem homogêneo. Através do conceito de bioidentidades, dialogando com a produção de autores como Zygmunt Bauman, Francisco Ortega e Hans Georg Gadamer, o autor traz uma importante contribuição para refletir sobre os corpos em movimento na sociedade do consumo.

Finalmente, o objetivo deste dossiê é conectar as contribuições para possibilitar ao leitor construir uma ferramenta teórica, que é política, a partir dos diferentes planos de análise utilizados pelos autores aqui reunidos. Justamente, pretende ser um recipiente de olhares diversos sobre o tema do corpo, da corporeidade e das práticas corporais, enfatizando a potência transformativa do diálogo entre saberes e práticas.

Referências

- Deleuze, G. (2007). *Cosa può un corpo? Lezioni su spinoza*. Verona: Ombre Corte.
- Deleuze, G. (1989). *Qu'est-ce qu'un dispositif?* Paris: Éditions du Seuil.
- Foucault, M. (1992). *La microfísica del poder*. Madrid: La Piqueta.
- Galak, E. (2010). *El concepto cuerpo en Pierre Bourdieu. Un análisis de sus usos, de sus límites y de sus potencialidades*, Tesis de la Maestría en Educación Corporal – Universidad Nacional de La Plata.
- Kirk, D. (1998). *Schooling Bodies: School Practice and Public Discourse 1880-1950*. London: Leicester University Press.
- Massa, R. (1986). *Le tecniche e i corpi, verso una scienza dell'educazione*. Milano: Edizione Unicopli.
- Mariani, A. (2000). *Foucault: per una genealogia dell'educazione*. Napoli: Liquori Editori.

